

Representações e usos da Internet: um estudo de recepção com adolescentes

HORÁCIO DUTRA MELLO
Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil

INGRID DITTRICH WIGGERS
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

1. Introdução: novas tecnologias e novas interações sociais

O presente estudo situa-se no campo da pesquisa sobre a integração das “novas tecnologias de informação e comunicação” (NTICs) em contextos histórico-sociais contemporâneos, ressaltando os usos que delas fazemos e os significados que a elas conferimos.¹ A origem do que denominamos hoje de “novas tecnologias” pode ser identificada no século XVIII, caracterizada pela substituição dos processos manuais de produção por máquinas. Na segunda metade do século passado, após o surgimento do computador, delineou-se um paradigma estruturado a partir da tecnologia da informação, que concretizou um estilo original de produção, de comunicação, de gerenciamento e de vida (Castells, 1999).

A emergente “sociedade da informação”² traz consigo valores e promessas de desenvolvimento econômico-social para as populações, baseadas em condições por ela propiciadas como, por exemplo, a possibilidade material de implementação da lógica de redes e a flexibilização de processos em geral. Ambas repercutem significativamente, segundo Werthein (2000), alterando a sociedade em âmbito global. Na educação, por exemplo, favorecem a atividade de ensino-aprendizagem de forma colaborativa, continuada, individualizada e amplamente difundida. Além disso, a capacidade de reconfiguração desse novo sistema social cria maior disponibilidade para a incorporação de mudanças e a noção de aprendizagem passa a ser empregada abrangente e indiscriminadamente. Sob estas condições observa-se, em paralelo, as expectativas de contínua adaptação de trabalhadores, consumidores, produtores e usuários, o que coloca o permanente aperfeiçoamento intelectual e técnico como requisito da sociedade da informação.

¹ Este texto é um resumo do trabalho de dissertação de mestrado do primeiro autor, sob o título original “Representação e uso da Internet por adolescentes de Florianópolis”, realizada sob a orientação da autora citada em segundo lugar. Apresenta-se aqui uma parcela dos resultados do referido trabalho.

² A expressão “sociedade da informação” passou a ser utilizada, nos últimos anos do século passado, como substituto para o conceito de “sociedade pós-industrial” e como forma de transmitir o conteúdo específico do novo paradigma técnico-econômico. “Procura expressar as transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como fator-chave não mais os insumos baratos de energia — como na sociedade industrial — mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e telecomunicações” (Werthein, 2000, p. 2).

Revista Iberoamericana de Educación

ISSN: 1681-5653

n.º 45/2 – 10 de febrero de 2008

EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos
para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI)



Por outro lado, vemos hoje imensas parcelas de seres humanos vivendo abaixo do limite considerado mínimo para a sobrevivência, não apenas distantes dos recursos tecnológicos, mas sem acesso até mesmo à energia elétrica, à água potável e ao saneamento básico. Tais populações estão excluídas, tanto social, quanto digitalmente, sem acesso aos bens e serviços e, portanto, sem acesso às informações neles veiculadas.

Assim, a par das reflexões sobre as potencialidades do acesso e utilização das NTICs, observa-se a necessidade de se refletir sobre esse fenômeno social conhecido como “exclusão digital”. Para Silveira (2001, p. 18), o entendimento sobre a exclusão digital parte do acesso ou não ao computador e aos conhecimentos básicos para utilizá-lo, seguindo-se de “um consenso que amplia a noção de exclusão digital e a vincula ao acesso à rede mundial de computadores”. No Brasil, por exemplo, pesquisas fazem ver que, apesar do rápido crescimento do uso da Internet pela população, comparando-se dados com países considerados desenvolvidos, persiste um cenário desigual do ponto de vista econômico, social e digital. Conforme Brenner; Dayrell; Carrano (2005, p. 197):

O baixo índice de acesso dos jovens ao computador e à Internet, notadamente no meio rural, evidencia a necessidade de implementação de políticas de letramento digital. O Brasil convive com gerações de jovens que se distanciam do acesso a instrumentos e linguagens de importância radical na vida contemporânea, hoje tão importantes quanto ao acesso e ao domínio da leitura e da escrita.

Objetivando uma visão complexa do fenômeno, para além do estudo sobre as condições de acesso físico aos meios, relevante se faz levar em conta o modo como os produtos tecnológicos e o material simbólico estão sendo vistos e utilizados por nós. Por conseguinte, o entendimento desse novo cenário social, marcado pela presença das NTICs dar-se-á mediante a contribuição, entre outras, do estudo sobre como os indivíduos entendem as mensagens, o que fazem com elas, como as incorporam em suas rotinas e práticas da vida cotidiana (Thompson, 1998). Fundamenta-se esse estudo numa concepção dos meios tecnológicos enquanto ferramentas de transmissão de formas simbólicas, sendo que sua “natureza” pode variar em grande escala. Isto porque os meios se relacionam, entre outros aspectos, com os modos como os indivíduos experimentam as dimensões de espaço e de tempo da vida social. De acordo com esta perspectiva, não se poderia separar o ser humano de seu ambiente, nem dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. No processo de convergência entre a tecnologia e o social não se trata de nenhum determinismo “e sim de um processo simbiótico, onde nenhuma das partes determina impiedosamente a outra” (Lemos, 2002, p. 95).

Interessou-nos diretamente neste trabalho uma reflexão sobre a presença da rede mundial de computadores no cotidiano da vida moderna, sobretudo a partir da perspectiva dos adolescentes. Este foco tinha como objetivo a análise do envolvimento de adolescentes com a Internet no seu dia-a-dia, buscando identificar a percepção dos sujeitos acerca deste meio, bem como suas condições de acesso e suas ações na rede. Formularam-se questões para orientar uma investigação de campo: onde e por quanto tempo a Internet é acessada por estes sujeitos? O que eles pensam acerca desta tecnologia? Quais recursos da Internet são mais utilizados por esta faixa etária? Qual o uso que fazem das informações e das formas culturais fornecidas pela Internet? Quais mídias, além da Internet, eles acessam?

A realização da investigação com os adolescentes apoiou-se predominantemente no método de pesquisa adotado pelo projeto “*Mediappro*”, da Comunidade Européia. Especificamente pelo trabalho

publicado sob o título *"I ragazzi del web"*³, coordenado pelo Prof. Dr. Pier Cesare Rivoltella, da "Università Cattolica del Sacro Cuore", de Milão (Itália), em 2001. Embora não tivéssemos como objetivo direto cotejar os dados dessa pesquisa com aquela por nós efetivada, justifica-se primariamente nosso trabalho pela possibilidade de oferecer dados, que seriam comparáveis, sobre a recepção da Internet, considerando a realidade de outros países. Mas acreditamos que os resultados obtidos, por meio de questionários, aplicados diretamente a estudantes de duas escolas públicas de Florianópolis (Brasil), poderão servir de referências significativas para a formulação de políticas educacionais que necessitam reorientar o seu trabalho no plano das inovações tecnológicas.

2. Recepção à internet: uma perspectiva teórica

A civilização contemporânea experimentou a era do rádio e da televisão, fascinou-se com a era dos computadores pessoais e hoje vive permeada pelo fenômeno da Internet. Este meio trouxe consigo uma nova fronteira, o "ciberespaço"⁴, plano que pode provocar alterações na forma do ser humano se comunicar, se informar, se divertir e se relacionar. "Menos do que uma nova mídia como os *mass media* (jornais, rádios, tv...) devemos pensar o ciberespaço como um ambiente midiático [...] onde formas comunicativas surgem a cada dia" (Lemos, 2004, p. 4).

As possibilidades da Internet contribuem sobremaneira para o delineamento de uma nova cultura, a digital, que é simultaneamente "virtual" e "real", configurando o que se denomina "fronteiras permeáveis". "Se as pessoas gastam tanto tempo e energia emocional no virtual por que falar do material como se fosse o único real?", questionou Turkle (1999, p. 31). Segundo o autor, uma oposição categórica não caberia mais como referencial de análise da cultura digital. Mas não é apenas nela onde se romperia o real e o virtual que as fronteiras permeáveis se delineiam. Elas estão presentes também, por exemplo, em outros conceitos, como o de "glocalidade" (Canclini, 1999). Trata-se de um neologismo para denominar a sociabilidade contemporânea, caracterizada simultaneamente pelo local e o global.

Ela implica, outrossim, em redefinições espaciais e temporais relevantes, pois a atualidade se plasma como espaço planetário em tempo real. Esta nova realidade-mundo tem como pressupostos, além de sua macro-inscrição capitalista e iluminista, o desenvolvimento das redes midiáticas (Rubim, 2000, p. 32).

Além dos aspectos acima apresentados, cabe destacar que a lógica de distribuição da Internet difere do modelo concebido por Adorno e Horkheimer (1985, p. 114), segundo o qual o cinema e o rádio utilizavam "poucos centros de produção e uma recepção diversa". Tecnicamente, possui milhões de centros de produção de mídia, pois cada computador é ou pode vir a ser um desses centros. Este poder de produção deslocaria o foco de análise das grandes corporações para o "garoto do apartamento ao lado", por exemplo, que, neste momento, pode estar a produzir um *site* ou a disponibilizar uma música, talvez inédita, para milhares de outros internautas⁵. A Internet se caracteriza, assim, por um aspecto que não

³ "Os meninos da *web*". Para maiores informações ver o site: <http://cepad.unicatt.it/ragazziweb/>

⁴ "Espaço de comunicação aberto pela intercomunicação mundial dos computadores e das memórias dos computadores," caracterizando-se, segundo Levy (1999, pp. 92-93), como sendo "plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual".

⁵ Usuário intensivo da Internet, que ocupa grande parte de seu tempo explorando os recursos por ela oferecidos (Ferreira, 2004).

estava presente na TV, no rádio ou no cinema, ou seja, a possibilidade do espectador de interagir e de criar, podendo tornar-se, através do mesmo instrumento, um produtor de mídias. Qualquer pessoa, ainda que com poucos recursos financeiros ou técnicos pode produzir informações e conteúdos na Internet hoje.

Levando em conta reflexões como as acima assinaladas, nosso estudo visou captar representações e usos da Internet por adolescentes. Para Girardello (2005), a "recepção" é uma atividade polifônica e se reveste de inúmeras variáveis, o que levaria a possibilidades quase infinitas de interpretação pelo receptor. Assim, seria impossível, por exemplo, termos uma noção de como determinado *site* da Internet ou programa televisivo será consumido e apropriado pelo público em geral. Segundo a autora, essa ênfase na reinterpretação das mensagens que os produtos midiáticos oferecem é uma das características das mais recentes teorias sobre a comunicação, em especial os chamados "estudos culturais". Essa abordagem contrapõe a teoria hipodérmica do início do século XX, que tem como pressuposto a resposta do indivíduo às sugestões dos meios de comunicação, sem nenhuma (ou quase nenhuma) defesa, considerando a audiência como uma massa formada por indivíduos homogêneos, isolados, anônimos e atomizados. Na visão hipodérmica se espera poder observar e medir os "efeitos" na audiência, entendendo que a comunicação geraria respostas pré-determinadas e controláveis.

Ao contrário, a renovação da posição do receptor, que considera que este pode decodificar o produto cultural, não necessariamente como era a intenção dos produtores, está baseada em outra concepção teórico-metodológica. Ainda na década de 1980, os autores ligados aos "estudos culturais" passaram a se interessar pelas audiências e um ponto de partida foi o texto "Codificação/Decodificação", de Stuart Hall,⁶ que tratava do processo televisivo, com suas dinâmicas de produção, circulação, distribuição, consumo e reprodução. Nele o autor afirma que no processo de recepção (leitura/consumo) podemos ter "três posições hipotéticas a partir das quais a decodificação de um discurso televisivo pode ser construída" (Hall, 2003, p. 399). A primeira posição hipotética, a "hegemônica-dominante", ocorre quando o telespectador se apropria de forma direta e integral do sentido da mensagem e a decodifica nos mesmos termos em que ela foi codificada. A segunda posição, do "código negociado", se dá quando a maioria da audiência percebe bem o que foi definido de maneira dominante e recebeu um significado de forma profissional. A terceira e última posição possível para um telespectador utilizar é a do "código de oposição", que permite entender tanto a inflexão conotativa quanto a literal de um discurso, mas simultaneamente propicia decodificar a mensagem de uma maneira globalmente contrária, retirando-a de um código preferencial para recolocá-la em algum referencial alternativo.

No enfoque dos estudos culturais o receptor ganha mais poder, deixando de ser visto como um sujeito passivo e passando a ser entendido como alguém que re-significa o que consome, que constrói sentidos, "ou seja, ele também produz um outro produto ao modificar o uso para o qual este foi pensado" (Fernandes, 2003, p. 20). "A comunicação passa a ser entendida como processo integrado às práticas sociais como um todo, estas entendidas como as que dão sentido à vida diária" (Jacks e Escosteguy, 2005). Valoriza-se nesta linha os processos de produção de sentidos e as relações entre as práticas simbólicas e as estruturas de poder.

Uma versão dessa perspectiva de ver a comunicação vem sendo desenvolvida por importantes autores como Martín-Barbero (1987; 2003), Canclini (1999) e Orozco Gomes (1996), e está atenta à realidade

⁶ Originalmente foi publicado na Inglaterra, em 1973. No Brasil, vinte anos depois, como parte da coletânea "Da diáspora".

peculiar da América Latina. Os “estudos latino-americanos de recepção” caracterizam-se por privilegiar como critérios de análise dos novos fenômenos comunicacionais aspectos como o contexto, as interações e os sujeitos, ao invés do foco nos meios em si. Um dos conceitos fundamentais dessa linha é o de “mediações”, proposto por Martín-Barbero (1987), que propiciaria a captação das experiências culturais a partir do contexto onde elas se realizam, escapando da lógica bipolar “produção-consumo”. Para esse autor, mais do que levar ao desenvolvimento, a irrupção de tecnologia traz em seu cerne mudanças estruturais, que “deslocam o problema das tecnologias para o modelo de produção” de conteúdo midiático, “que implicam seus modos de acesso, aquisição e emprego” (Martín-Barbero, 2003, p. 265). Assim, se as tecnologias constituem-se como materializações da racionalidade de uma cultura, podem ser reconfiguradas em todos os sentidos, por meio da produção de mídias, assumindo-se ativamente papéis sociais através das NTCl.

As concepções brevemente apresentadas constituem referências significativas, especialmente se cotejadas com evidências empíricas. Entre os trabalhos revisados, encontramos um diretamente focado na investigação de adolescentes em relação à Internet. Partindo da análise histórica da “disciplina” em sala de aula e da reflexão sobre a interação professor-aluno, Zuin (2006, p. 2) investigou uma forma que adolescentes brasileiros utilizam para explorar o meio. O artigo examinou várias comunidades do *Orkut* que se expressam em relação às imagens de professores e fez uma análise, baseada em Freud, das colocações encontradas. Atualmente, segundo evidências identificadas pelo pesquisador, os estudantes encontram um canal extremamente eficiente para extravasar suas desilusões, alegrias, frustrações e, principalmente, ódio e ressentimento com relação à imagem que têm de seus mestres. Esse canal é “um manancial consideravelmente profícuo para aqueles que se interessam em compreender as instigantes relações desenvolvidas entre os alunos e seus preceptores” (Zuin, 2006, p. 13).

A pesquisa realizada na Itália que serviu de base metodológica para a nossa chegou a resultados sobre os significados e as formas da Internet na vida dos adolescentes. As respostas obtidas entre os italianos indicaram uma oscilação entre entusiasmo e preocupação perante o fenômeno: “desde aqueles que pensam que a Internet melhorará a vida e oferecerá possibilidades impensáveis de conhecimento, até quem pense que ela nos escravizará” (Rivoltella, 2001, p. 28). Os resultados apresentaram diferentes representações do que é a Internet, como, por exemplo, “modo”, “meio” ou “instrumento”. Foram ainda utilizados termos mais específicos como “computador”, “programa.”. O pesquisador concluiu que a representação da Internet pelos jovens pesquisados é algo “utópico”, capaz de mudar o futuro da humanidade, ou ainda um meio cujo acesso é possível a todos.

Considerando a relação existente entre realidade das mídias e as imagens que uma sociedade produz negociando representações, no interior da pesquisa, das palavras escolhidas para descrever Internet emergiram dois tipos de utopia: a “utopia messiânica” que conduz a uma visão onipotente da Internet ligada ao futuro e a “utopia da democracia”, ligada à visão da Internet acessível a todos. (Rivoltella, 2001, p. 45).

Além das “representações”, o trabalho também investigou os “usos” da Internet pelos jovens, caracterizando-os pela quantidade, formas, preferências, espaços, entre outros aspectos. No caso italiano, destaque-se, o local de uso da Internet referenciado na pesquisa foi principalmente o doméstico. Este

⁷ “Criado em 22 de janeiro de 2004 pelo projetista chefe e engenheiro do *Google*, chamado Orkut Büyükkökten, o *Orkut* é um sítio de relacionamentos *on line*, que reúne comunidades virtuais e congrega pessoas ligadas por interesses comuns (Zuin, 2006, pp. 7-8).

fenômeno é justificado pelos elevados índices de presença de computadores nos lares italianos, que correspondem a um por cada duas ou três residências com filhos pré-adolescentes.

Para o autor, além do local e da frequência, para aferir os usos que os sujeitos fazem da Internet, torna-se fundamental “destacar o que fazem quando estão conectados, ou seja, qual é a atividade *on-line* desenvolvida, a variação do conteúdo, a tipologia de interações com a rede, etc.”. Em relação aos aspectos de interação, o autor observou que grande parte dos jovens italianos pesquisados apenas navegam pela página, sem uma preocupação mais forte com a “criação ou produção original”. No aspecto do que é acessado na Internet pelos participantes da pesquisa, foram evidenciados o gosto “por temáticas leves, como *sites* de jogos, espetáculos e divertimentos, tempo livre, *hobby*, esportes [...] em detrimento da preferência por temáticas de caráter mais obrigatório, como *sites* de aprofundamento científico, educativos e com informações políticas” (Rivoltella, 2001, p. 53).

3. Escolhas metodológicas: rumos percorridos pela pesquisa

Tomando por base os parâmetros teóricos anteriormente indicados e ainda os instrumentos de pesquisa de campo aplicados pelo pesquisador referido, privilegamos, no Brasil, a coleta de dados em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Justificamos essa escolha não apenas pela necessidade de buscarmos dados locais sobre a integração da Internet ao cotidiano juvenil, como subsídios para os estudos do grupo de pesquisa ao qual pertencemos, mas, principalmente, porque no âmbito estadual, Florianópolis se destaca por possuir, em sua rede municipal de educação, um “Núcleo de Tecnologia Educacional” (NTE)⁸. Com o amparo deste núcleo, a implantação e o uso da informática nas escolas públicas é orientada por um projeto definido, pedagógica e politicamente, desde 1997.

Optamos por duas escolas, entre as vinte e seis que possuíam, em 2006, uma “sala informatizada”⁹, observando as que melhor se enquadravam nas necessidades da nossa pesquisa: uma escola de comunidade urbana e outra de comunidade rural, que oferecessem o ensino fundamental completo. Selecionamos os campos, considerando também os contatos prévios que tínhamos com professores que atuavam nas escolas, o que facilitou a abordagem dos adolescentes e a realização da pesquisa como um todo, conforme se verificou durante o trabalho de investigação.

A primeira, a urbana, localiza-se na parte continental de Florianópolis, no bairro de Coqueiros. O mesmo disponibiliza aos seus moradores acesso a aparatos públicos¹⁰, bem como conta com locais comerciais de acesso à Internet (*lan houses*, *cyber cafés*). A escola funcionava nos turnos matutino e vespertino e possuía um contingente de cerca de 520 alunos, segundo fontes oficiais da rede de ensino,

⁸ O “Núcleo de Tecnologia Educacional” (NTE) é o setor da Secretaria da Educação, da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF) responsável pela gestão das ações nas “salas informatizadas” (SI) das escolas públicas municipais. Estas ações envolvem atividades pedagógicas e de logística de *hardware* e de *software*, além de preparar os professores para o processo de incorporação dessa tecnologia ao processo de ensino-aprendizagem. O NTE foi criado em 1998 e atualmente está subordinado à “Divisão de Mídia e Conhecimento”, como parte do “Programa Nacional de Informática na Educação” (NTE/PMF, 2006).

⁹ A sala informatizada é um espaço pedagógico composto, normalmente, por cerca de 15 computadores, uma impressora, um *scanner* e uma máquina fotográfica digital. Na sala atua um profissional especializado em tecnologia educacional com o intuito de orientar e auxiliar o corpo docente na execução de projetos envolvendo as mídias digitais.

¹⁰ Aparatos públicos são serviços oferecidos pelo Estado, como educação, saúde, telecomunicações, etc. São representados por escolas, postos de saúde e postos telefônicos ou telefones públicos.

referentes ao ano de 2005. A segunda escola, a rural, localiza-se na parte insular da capital, no bairro de Ratonos. Também funcionava em ambos os turnos e nesta estavam matriculados em torno de 420 alunos. O bairro de Ratonos situa-se na região central da Ilha de Santa Catarina, localiza-se a 26 km do centro de Florianópolis, sendo servido pelo sistema de transporte urbano. A região, ressalve-se, conta com poucos locais de acesso à Internet e tem nitidamente um aspecto rural. As salas informatizadas de ambas as instituições possuíam acesso por meio da banda larga. Na primeira, a sala fora instalada em 2001 e na segunda, três anos depois.

A produção dos dados propriamente dita foi mediada através da aplicação de questionários adaptados a partir daqueles utilizados na pesquisa italiana. O primeiro questionário foi respondido por um total de 131 participantes, das duas instituições envolvidas, escolhidos aleatoriamente. De caráter mais abrangente, solicitava dados de identificação, profissão dos adultos por eles responsáveis, frequência e local de uso da Internet. A principal pergunta “O que é Internet para você” era aberta à dissertação própria de cada respondente, que, dessa forma, apresentou o seu conceito geral sobre o meio.

A partir das respostas à frequência de uso da Internet, classificamos os 131 adolescentes, das duas escolas pesquisadas, em três grupos: “usuários leves” — “nunca usou” ou “não usa com frequência” —, “usuários moderados” — “usa uma ou duas vezes por semana” ou “usa de três a seis vezes por semana” — e “superusuários” — “usa diariamente”. Foi aplicado a essa amostra um segundo questionário, de caráter mais aprofundado. Para cada uma das classificações, adotou-se um instrumento diferente, contendo questões específicas dos respectivos perfis identificados. Participaram desta etapa um grupo de 15 jovens, 5 usuários “leves”, 6 “moderados” e 4 classificados como “superusuários”.

Para ajudar em parte na identificação e na análise das respostas acerca das representações da Internet, os questionários aprofundados foram delineados por meio de denominadores comuns de ordem cognitiva e afetiva. A primeira ordem dizia respeito às dimensões “comunicativas, cognoscitivas, informativas, instrumentais, lúdicas, heurísticas e relacionais”. A segunda dimensão, a conotativa, interrogou acerca das “sensações sobre o fenômeno” (Rivoltella, 2001). Este segundo instrumento foi composto, registre-se, em sua grande maioria, de perguntas fechadas.

Complementou a investigação de campo a aplicação de um formulário para se obter evidências de “práticas culturais e consumo de mídias” por parte dos adolescentes em seu cotidiano, já anteriormente utilizado em outras pesquisas desenvolvidas pelo núcleo ao qual nos vinculamos.¹¹ Este instrumento permitiu uma visão das representações e usos da Internet de modo relativamente mais contextualizada no cotidiano dos adolescentes participantes da pesquisa.

O trabalho de campo foi realizado durante oito meses, entre abril e novembro de 2006. Entre a primeira etapa e a segunda ocorreu um intervalo de cerca de 30 dias, em cada uma das escolas, um tempo utilizado para o processamento dos dados para a seleção do grupo de participantes que respondeu ao questionário mais aprofundado. Aos colaboradores tivemos o cuidado de explicar os objetivos da pesquisa e garantir a sua não identificação por ocasião da publicação dos resultados. Cada um recebeu um “termo de consentimento livre e esclarecido” para ser apreciado e assinado pelos responsáveis, como parte dos procedimentos da investigação, visando assegurar aos estudantes o direito de não responder. Salientamos,

¹¹ Este formulário foi originalmente aplicado em pesquisas com crianças, em Florianópolis, pela Prof^a. Dr^a. Gilka Girardello.

por fim, que, embora alguns poucos não tenham concordado em responder aos questionários, obtivemos elevada adesão por parte dos sujeitos, bem como das próprias escolas.

4. O que é a Internet para você? “É o mundo em minhas mãos...”

Na primeira fase de coleta de dados, colaboraram com a pesquisa, conforme registrado no capítulo antecedente, 131 jovens de duas escolas públicas da rede municipal de Florianópolis. A título de breve caracterização, cabe observar que o grupo, quanto ao gênero, apresentou-se de forma equilibrada, pois 48% eram do sexo masculino e 52% do feminino. Em relação à idade, responderam ao questionário sujeitos entre 12 e 17 anos, sendo que a grande maioria encontrava-se na faixa intermediária, de 13 a 15 anos de idade (86%). A ocupação profissional dos adultos responsáveis no bairro de Coqueiros, uma zona urbana, caracterizou-se por funções especializadas como analista de sistema, funcionário público e outras ainda de nível superior. No bairro de Rationes, de aspecto rural, as atividades profissionais dos pais circunscrevem-se em geral à função de caseiro de sítio, de empregada doméstica ou ainda de dona-de-casa.

Perguntou-se aos adolescentes onde e por quanto tempo a Internet seria acessada, usualmente. Os dois locais mais citados foram a “escola”, que atingiu um percentual de 35%, e a “casa”, com 29%. Embora com menor incidência, outros espaços também foram mencionados, como a “casa de parentes”, a “casa de amigos”, as “*lan houses*” e os “cursos de informática”.

Essa evidência reforça a importância da escola pública no contexto pesquisado, por oferecer, ao menos em parte, as condições sociais para a inclusão digital. Seu papel é fundamental particularmente em circunstâncias como as encontradas no ambiente rural, caracterizado por fatores como a baixa renda da população e a falta de infra-estrutura para acesso à Internet, especialmente à banda larga. Por esta razão a escola abre a “sala informatizada” para uso livre por parte dos estudantes, pelo menos uma vez por semana. Durante o trabalho de campo observamos um grande interesse pela sala, contudo a disponibilidade da escola não parecia ser suficiente, pois a proporção de usuários é bem maior do que a capacidade de atendimento, o que gerava tempo de espera, desconforto e limitações de uso da Internet.

Alguns adolescentes indicaram em sua resposta mais de um local de uso da Internet, pois se tratava de uma questão aberta. Nem todos, porém, citaram a “escola” como tal. Poderíamos esperar que tendo disponíveis as “salas informatizadas” todos mencionassem a “escola” nessa pergunta, sobretudo se considerarmos que diversos professores das instituições pesquisadas desenvolvem projetos educativos em suas disciplinas, com atuação direta dos estudantes em computadores. Por que a maioria dos estudantes, então, não considerou a escola como ponto de contato com a Internet? Mais adiante, uma resposta nos aponta indícios para interrogações como essa.

Além do local utilizado para acesso, interessava-nos saber com que frequência os adolescentes usavam a Internet. Constatou-se que a maioria dos adolescentes respondeu que “não usa com frequência”, perfazendo 39% dos sujeitos. Esse número, somado ao dos que responderam “nunca usou”, que representa 4%, formou o que denominamos de “usuários leves”, portanto, a maioria entre eles. Diante da evidência de alguns adolescentes terem afirmado “nunca ter usado” a Internet, ainda que inseridos em contexto escolar que propiciaria este uso de forma regular, questionamo-nos acerca do paradoxo. Assim, perguntou-se explicitamente a estes estudantes se realmente não haviam desenvolvido atividades na Internet na própria

escola. Ao que um deles respondeu: *"Ah! Usar a Internet 'pra fazer tarefas, não é usar a Internet. Para mim mesmo, eu não quero usar! Não gosto!"* Nota-se através desta expressão que atividades obrigatórias não seriam necessariamente consideradas pelos adolescentes uma forma de uso da Internet, o que explica, ao menos em parte, a ausência da "escola" nas respostas ao local de acesso ao meio por uma significativa parcela de 65% do total de participantes.

O segundo grupo mais numeroso, entre os participantes de nossa pesquisa, no que se refere à frequência de uso da Internet foi aquele que respondeu usar o meio "uma a duas vezes por semana", compondo 28% do total dos questionários. Outra parcela, esta de 9%, respondeu que usa o meio "três a seis vezes por semana". Esse grupo foi por nós caracterizado como o perfil de "usuários moderados".

Sobressaiu-se, por fim, entre os resultados obtidos, um grupo de 18% de adolescentes que utiliza a Internet diariamente, os "superusuários". No que se refere ao tempo de uso diário, 2 (8%) a utilizam durante duas horas. A maior parte deles, ou seja 15 (35%), se concentra na faixa de três a seis horas de uso por dia. Outros 5 (21%) adolescentes, utilizam a Internet entre sete e dez horas diárias e 1 (4%) dos adolescentes, o faz durante onze horas diárias. Apenas um dos sujeitos não respondeu a esta pergunta. Neste grupo, a média de uso, portanto, oscila entre duas e onze horas diárias.

Além de buscar conhecer o local e a frequência de uso, investigou-se o que os adolescentes pensam sobre a Internet. Sobre esse aspecto, verificamos que as definições dos adolescentes diante da pergunta "O que é Internet para você?" foram focadas predominantemente no uso que fazem do meio, como, por exemplo: *"é um meio de comunicação e diversão para os jovens, para os adultos é um meio de pagar contas [...]"; "é um modo de viajar por todo o mundo, você senta (sic) em uma poltrona [...]"; "serve para baixar jogos, [...]"*¹². Processadas essas respostas, consideramos pertinente classificá-las em categorias¹³, de acordo com o tipo de uso que cada uma delas compreendia.

A Internet como "busca de informações e serviços on-line" predominou nas representações dos adolescentes participantes, com a marca de 57% em relação ao total de 131 questionários. Nesta categoria foram agrupadas as respostas que tinham a ver com notícias, busca por informações sobre bens e serviços, informações sobre pessoas, novelas, filmes, etc, tal como nos exemplos abaixo:

- *É o mundo em minhas mãos, posso saber o que está acontecendo com qualquer famoso.*

- *Algo bastante interessante e curioso, há diversas informações, jogos, sites, pesquisas. Algo revolucionário que nos ajuda, nos diverte e ensina. Seus conteúdos são superinteressantes para todas as idades, seja jovem, velho ou criança.*

Outra forte incidência nas representações sobre Internet foi a categoria "meio de comunicação", que apareceu em 53% das respostas. Entre elas selecionamos as seguintes:

- *A Internet para mim é um meio de comunicação sem limites, que não pode ser controlado.*

- *Conversar com amigos.*

¹² As repostas obtidas através dos questionários foram transcritas literalmente, sem sofrer qualquer espécie de correção.

¹³ Utilizamos em nossa análise as mesmas categorias de "atividades na Internet" formuladas na pesquisa de "TIC - domicílios e usuários", realizada em 2005, pelo "Comitê Gestor da Internet Brasil", que entrevistou 2085 usuários. Disponível em <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2005/index.htm>>

A categoria “lazer” foi reconhecida em 34% de ocorrências, formando com as duas primeiras o conjunto mais significativo em termos quantitativos. As respostas reunidas neste grupo podem ser assim exemplificadas:

- *Namoro, paquera.*
- *Uma forma de divertimento para os adolescentes.*
- *É um meio de eu me divertir com jogos on-line, [...] baixar animes (desenhos japoneses).*

Os dois tipos de uso menos citados entre as respostas dos adolescentes foram a categoria “banking, compra e venda de bens e serviços” (5%) e a “educação e treinamento” (4%). Seleccionamos para o segundo caso afirmações como:

- *Tudo, uma das coisas que eu não viveria sem [...] aprendo coisas novas.*
- *[...] fazer trabalhos do colégio.*
- *Um meio de aprendizagem.*

Destaca-se ainda um outro resultado obtido, pois nenhuma das respostas pode ser integrada à categoria da representação da Internet como espaço de “interação com autoridades públicas”.

A partir da primeira fase do trabalho de campo, de acordo com o nosso método, seleccionamos uma amostra de cada um dos perfis de usuário para responder a um segundo questionário. Composto, em sua maioria, de questões de múltipla escolha e visando aprofundar as evidências sobre os recursos mais explorados, os usos que os adolescentes fazem e as informações e as formas culturais fornecidas pela Internet. Seleccionamos para apresentar neste artigo os resultados e análises referentes ao perfil de “usuários moderados” e de “superusuários”.

Entre os “usuários moderados” — 37% do total de 131 questionários — foram entrevistados seis adolescentes, sendo 3 de cada sexo. Este perfil se caracteriza por usar a Internet entre uma e seis vezes por semana e foi identificado tanto em zona rural como em urbana, embora com maior incidência nesta última. Quanto às práticas culturais e consumo de mídias destacam-se dados como o hábito de leitura de livros, incluindo a compra de jornal pela família. Todos já foram ao cinema e ao teatro pelo menos uma vez, sendo este último freqüentado em geral como parte de atividades escolares. Embora nem todos os lares possuísse telefone fixo, 5 dos entrevistados já dispunha de aparelho celular próprio. Rádio, TV e DVD estão presentes nas casas das famílias, mas a TV a cabo ainda não chegou à zona rural. O *mp3 player*, o *walkman* e o vídeo cassete não são equipamentos comuns entre eles. Segundo parte dos entrevistados, a Internet não fez diminuir a prática de leitura, mas, pelo contrário, em alguns casos fez aumentar. A Internet também aumentou a apreciação musical. De acordo, com Belloni (2004, p. 7), complementa-se, a “Internet combina bem com a música: pode-se escutar enquanto se navega ou ‘baixá-la’, para escutar depois”. O consumo de filmes em DVD ou VHS permaneceu inalterado, ressalte-se, mas reduziu-se significativamente o tempo na frente da TV e dos jogos de *videogame*. Vale lembrar que a Internet possibilita *download* de jogos de última geração e também a participação em jogos *on-line*, com dezenas e até centenas de pessoas simultaneamente.

O uso moderado da Internet é propiciado à grande maioria deles porque os seus lares estão equipados com computador e acesso à rede, em geral através da banda larga. Apenas um desse grupo faz

uso do computador exclusivamente fora de casa, ou seja, na escola ou no trabalho. Em casa, o acesso se dá entre uma e duas horas por dia e nos fins de semana o tempo aumenta para em torno de quatro horas.

A amostra dos “superusuários”, aqueles 18% do total de participantes que declararam usar a Internet diariamente, foi composta por quatro jovens, de ambos os sexos. Foram identificados na zona urbana e também na rural. Notou-se entre eles que não foi evidenciado o hábito de leitura de livros. Contudo, também já freqüentaram o cinema e o teatro. Em relação a equipamentos e tecnologias domésticas disponíveis, este grupo se assemelha ao anterior. Contudo, os moradores da zona rural não têm conexão a cabo para TV. Todos os entrevistados afirmaram acessar por meio da banda larga, sem limite de horas de uso. Os “superusuários” costumam usar a Internet durante uma média de 7 horas diárias ao longo da semana. E nos fins de semana o tempo aumenta, chegando a 11 horas ininterruptas, em média. Um deles, acrescentando-se, afirmou “ficar” na Internet por cerca de 20 horas.

Nas respostas desses adolescentes, verificou-se igualmente que a Internet parece restringir o tempo de apreciação da TV e dos jogos de *videogame*. Mas, ao contrário dos “moderados”, que afirmaram que além de se divertir com o computador, jogam futebol e vôlei em espaços do bairro onde residem, entre os “superusuários” o computador constitui-se como o principal brinquedo. Este aspecto corrobora a constatação de que “ficam mais tempo em casa” do que antes da Internet.

Os dois grupos de entrevistados, evidenciando-se, afirmaram utilizar a Internet na escola há pelo menos mais de um ano, em muitos casos há mais de dois, principalmente mediados por atividades pedagógicas propostas pelos professores, no horário das aulas. Declararam os entrevistados que costumam acessar a Internet em casa sem acompanhamento dos pais, embora muitos o façam ao lado de amigos e de irmãos. Mesmo sem a presença dos pais, a maioria deles sofre regulação de tempo de uso por parte dos adultos. Boa parte costuma ainda ser interrogada pelos responsáveis sobre o que fazem na Internet. Todavia, pode-se questionar sobre a qualidade da mediação familiar em relação ao uso do meio, pois em apenas um dos lares os adultos também são usuários. Os adolescentes disseram, por fim, que utilizam a Internet com três objetivos básicos: “resolver tarefas da escola”, “procurar informações de interesse pessoal” e “se divertir”.

Os *sites* de preferência dos “superusuários” estão pulverizados em diversos centros de interesse, como *blogs*, *fotologs* e *videologs*, além dos *sites* de *hobby*. Os *sites* mais citados foram *Orkut* e *Google*, seguidos de *Baixaki*, *MSN*, *Fotolog*, *Youtube* e *Prinstontale*. Aparecem com menor evidência os *sites* de arte, espetáculos e divertimentos, com informações sobre novelas, artistas, cantores e bandas, além de cinema. Os *sites* relacionados a jogos, comunicação (como *chats* e bate-papos) e descobertas geográficas (como o *Google Earth*) também foram citados por alguns. Já os *sites* de esporte, assim como os de ciência e tecnologia, política, ciências humanas e de educação apareceram como parte do interesse de alguns dos pesquisados, mas estes declararam acessá-los raramente.

Estes jovens têm pouco hábito ainda de visitar *sites* de notícias e de informações, não costumam preencher pesquisas ou questionários *on-line*, nem realizar compras pela Internet. Informaram também que não têm o costume de clicar sobre os *banners* publicitários nos *sites* e nunca visitaram *sites* de negócios e economia.

As ferramentas de pesquisa (*Google*, *Altavista*, etc.) e os jogos em tempo real (*Counter Strike*, *Tíbia*, etc.) são utilizados pela maioria dos jovens deste grupo, segundo os resultados constatados. Todos deste

perfil fazem uso também de *softwares* para a comunicação síncrona¹⁴ (*MSN, IRC, chats*, etc.). Enquanto que a comunicação assíncrona¹⁵ (*e-mail*) é utilizada por apenas metade dos superusuários. A participação em grupos de discussão (*fóruns, news groups*) é mais insignificante, pois foi citada por apenas um dos pesquisados desse grupo.

Ficou patente o uso freqüente da Internet para procurar fotos ou imagens pela maioria dos pesquisados. A totalidade deles usa a rede para ouvir músicas ou ver vídeos, enquanto parte significativa dos adolescentes deste perfil faz *download*¹⁶ de arquivos de músicas, vídeos, jogos e programas. O acesso ao *site* de relacionamentos *Orkut*¹⁷ é realizado pela maioria dos pesquisados e todos costumam postar¹⁸ fotos e textos em *fatologs, blogs e videologs*. É comum também o envio de fotos pessoais por *MSN* ou outro programa de comunicação síncrona. Todos acessam *sites* em língua portuguesa, apenas um deles acessa *sites* em língua inglesa.

Acrescente-se, por fim, que os “superusuários” afirmaram ser a principal referência na busca de endereços dos seus amigos, seguidos da televisão e do rádio. Irmãos, revistas e jornais e outros *sites* da própria Internet são a terceira fonte. Os pais vêm em quarto lugar na indicação de endereços e os professores em último lugar. Os adolescentes citaram que seus professores nunca ou raramente indicam *sites*, acrescente-se.

Embora considerada por alguns como uma tecnologia de uso solitário todos os pesquisados afirmaram ter feito novos amigos através da rede. “Com a Internet, nós entramos no que eu chamaria de era das *solidões interativas*”, disse Wolton (2003, p. 103), a esse respeito. A oportunidade para a criação de seu próprio *site* não é explorada por este grupo de adolescentes, pois apenas um deles cria suas próprias *home pages*. Por não usarem este espaço, os jovens abrem mão da posição de “editor ativo”, deixando de lado as possibilidades de “reconfiguração” pelo seu uso das mídias (Martin-Barbero, 1999).

5. Considerações finais

No contexto das novas tecnologias de informação e comunicação, evidenciou-se o fascínio que a Internet exerce sobre os adolescentes, como também a facilidade que eles têm no domínio dos seus recursos e no uso das informações encontradas. Não observamos, ressalte-se, passividade na recepção das mensagens veiculadas na rede. O acesso físico à Internet pelos adolescentes, sujeitos desta pesquisa, é individual, mas não é solitário. Surgem a todo o momento contatos com outros indivíduos, dos mais diferentes contextos, em uma rede de relacionamentos inimaginável antes do advento da grande rede. Para os adolescentes investigados, a Internet é sinônimo de comunicação e espaço de lazer. Ao mesmo tempo em que trocam mensagens instantâneas com um, dois, três e até mais contatos, sem perceber, que se divertem e fazem emergir um espaço de sociabilidade.

¹⁴ Tipo de comunicação que acontece em tempo real.

¹⁵ Tipo de comunicação onde a leitura da mensagem não é feita no mesmo tempo de seu envio.

¹⁶ Termo que designa a ação de copiar um arquivo da Internet para seu próprio computador.

¹⁷ O Orkut possui 56,93% dos seus usuários compostos de brasileiros, a faixa etária que mais acessa está entre 18 e 25 anos, com 56,41% dos usuários totais (Orkut, 2007).

¹⁸ Ato de publicar um tópico em um *blog*, uma foto em um *fatolog* ou um vídeo em um *videolog*.

Apesar da enorme capacidade que demonstram no manuseio do teclado, do *mouse*, dos *softwares*, jogos de estratégia e outros, estes adolescentes ainda não tendem a ultrapassar a barreira do consumo dos conteúdos da mídia. Pouco aproveitam as inúmeras possibilidades de produção e de divulgação da sua comunidade, da sua cultura, do que gostam e aprendem. Assim como não aproveitam o potencial democrático da Internet, de participação e de reivindicação no espaço público.

Por meio da análise dos dados da pesquisa e do referencial utilizado, foi possível corroborar a opinião daqueles autores que defendem a necessidade de a educação contribuir para a construção do processo de recepção das mensagens da mídia pelos indivíduos. As práticas inovadoras de utilização da Internet acontecem quando os sujeitos e as instituições se propõem a repensar as suas práticas cotidianas como um todo, do individual para o coletivo e do local para o global. Isto será possível um dia?

Isso implica entender a Internet como uma nova maneira de representar o conhecimento, provocando um redimensionamento dos conceitos já conhecidos e possibilitando tanto a busca, quanto a compreensão de novas idéias e novos valores. Usar a Internet com essa finalidade requer a análise cuidadosa do que significa “educação e comunicação”, além de demandar a revisão do papel dos atores nesse contexto. Essa prática poderia, quiçá, possibilitar a transição de um sistema social e educativo fragmentado para uma abordagem integrada.

Bibliografia

- ADORNO, Theodor W., e HORKHEIMER, Max (1985): *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez, e CARRANO, Paulo (2005): “Culturas do lazer e tempo livre dos jovens brasileiros”, in: ABRAMO, Helena W., e BRANCO, Pedro Paulo M. (org.): *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo.
- CANCLINI, Néstor García (1999): *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- ADORNO, Theodor W., e HORKHEIMER, Max (1985): *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez, e CARRANO, Paulo (2005): “Culturas do lazer e tempo livre dos jovens brasileiros”, in: ABRAMO, Helena W., e BRANCO, Pedro Paulo M. (org.): *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo.
- CANCLINI, Néstor García (1999): *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- CASTELLS, Manuel (2003): *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- CASTELLS, Manuel (1999): *A sociedade em rede*. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- FERNANDES, Adriana Hoffmann (2003): “As mediações na produção de sentidos das crianças sobre os desenhos animados”. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-graduação PUC-Rio, Rio de Janeiro. ana.hoffman.zip. 1 arquivo (2824 Kb). Adobe Acrobat.
- (2005): *As mediações na produção de sentidos das crianças sobre os desenhos animados*. ANPED, Caxambu, 28a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt16/gt16752int.rtf>>. Acesso em 08 dez 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2004): *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 5.0*. [s.l.]: Positivo Informática. CD-ROM.

- GIRARDELLO, Gilka (2005): *Produção cultural infantil diante da tela: da tv à Internet*. ANPED, Caxambu, 28a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt16/gt161119int.rtf>>. Acesso em: 08 dez 2005.
- JACKS, Nilda, e ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (2005): *Comunicação e recepção*. São Paulo: Hacker Editores.
- LEMONS, André (2004): *Cibercultura, cultura e identidade: Em direção a uma 'Cultura Copyleft'?* São Paulo: Fórum Cultural Mundial.
- (2002): *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina,
- LÉVY, Pierre (1999): *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.
- MARTÍN BARBERO, Jesús (2003): *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- (2004): *Ofício de Cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola. Coleção comunicação contemporânea.
- OROZCO, Guillermo (1996): *Televisión y audiências: Um enfoque cualitativo*. Madri, Espanha: Ediciones de la Torre e Universidad Iberoamericana, proyecto didáctico Quirón, n.º 45
- RIVOLTELLA, Pier Cesare (2001): *I ragazzi del web: I preadolescenti e Internet, una ricerca*, 2ª ed., Milano, Itália: V&P Università.
- RUBIM, Antonio Albino Canela (2000): *A contemporaneidade como idade média*. Interface: comunicação, saúde, educação. [on-line]. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/revista7/ensaio2.pdf>>. vol. 4, n.º 7, [acesso em 11 dez 2005], pp. 25-36.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (2001): *Exclusão digital: a miséria na era da informação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- THOMPSON, John B. (1998): *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petropolis: Vozes.
- TURKLE, Sherry (1998): "Fronteiras do real e do virtual", in *Revista FAMECOS*, n.º 11, dezembro 1999 [on-line]. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fmeos/pos/revfamecos/11/sherry.pdf>>. Entrevista para Federico Casalegno, Acesso em: 28 jul 2005.
- ZUIN, Antonio A. S. (2006): *Adoro odiar meu professor: o orkut, os alunos e a imagem dos mestres*. ANPED, Caxambu, 29a. RA, GT 16. Disponível em <<http://www.anped.org.br/29/textos/gt16/>>. Acesso em: 08 dez 2005.
- WERTHEIN, Jorge (2000): *A sociedade da informação e seus desafios*. Ci. Inf., Brasília, vol. 29, n.º 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 Fev 2007.

Agradecimentos

Esta pesquisa foi possível graças ao auxílio e ao envolvimento de várias pessoas, entre elas os adolescentes participantes e suas famílias, dos bairros de Ratoles e de Coqueiros, localizados em Florianópolis; os professores da rede pública municipal Paulo Heingen e Fernanda Lino; a professora Angelita Flores; as professoras Gilka Girardello e Mônica Fantin, da UFSC e o professor Pier Césare Rivoltella, da UNICATT.